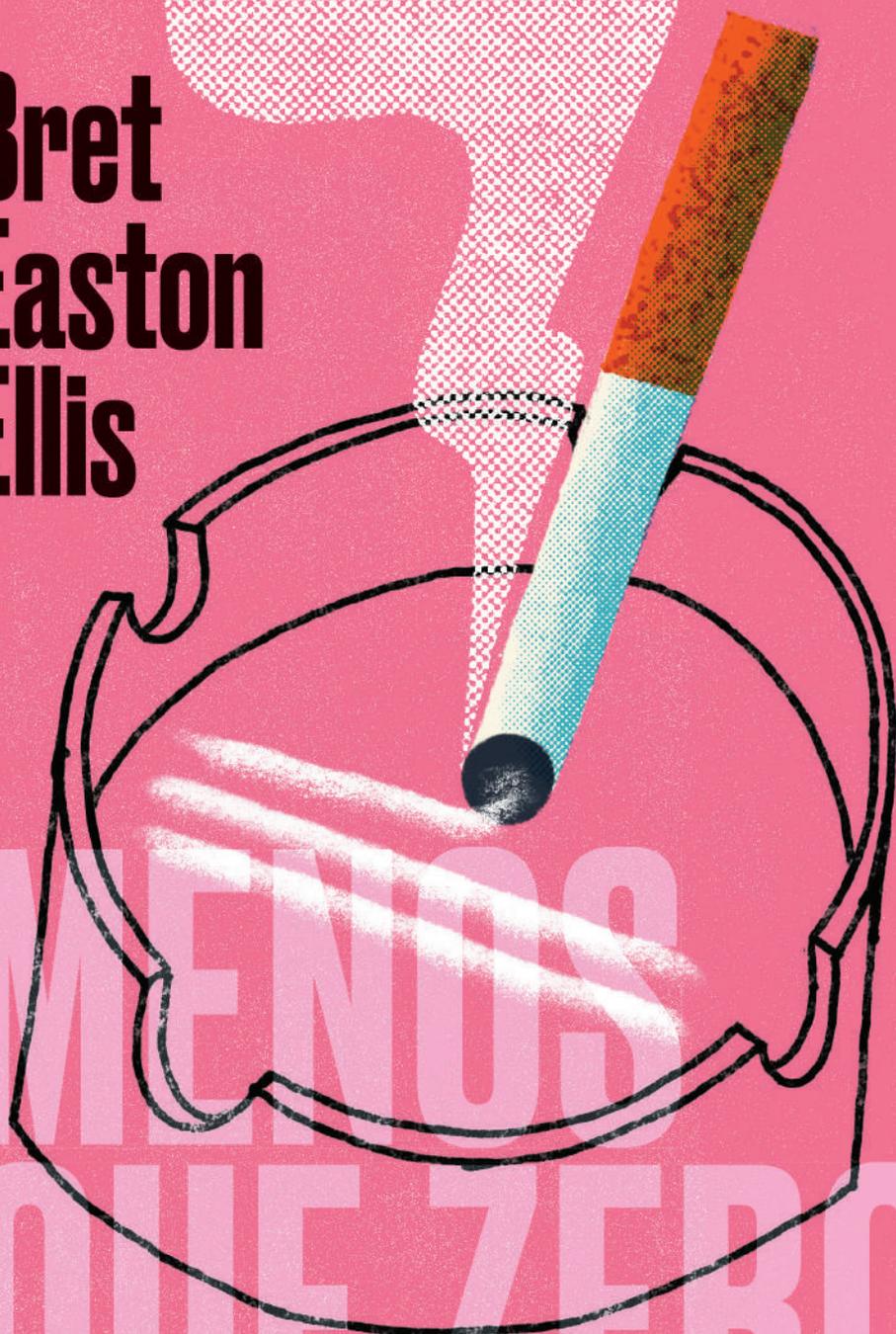


ELSINORE

Bret Easton Ellis



MENOS
QUE ZERO

This is the game that moves as you play...

X

There's a feeling I get when I look to the West...

LED ZEPPELIN

Em Los Angeles, as pessoas têm medo de entrar na autoestrada. É a primeira coisa que ouço quando volto à cidade. A Blair apanhou-me no LAX, e foi o que a ouvi resmungar entre dentes, enquanto o carro subia a rampa de acesso. Diz:

– Em Los Angeles, as pessoas têm medo de entrar na autoestrada.

Embora esta frase não devesse preocupar-me, fica-me gravada na memória por um período desconfortavelmente longo. Nada mais parece ter importância. Nem o facto de eu ter 18 anos e de estarmos em dezembro e de o voo ter sido difícil e de o casal de Santa Barbara que estava sentado à minha frente, em primeira classe, ter apanhado uma grande bebedeira. Nem a lama, fria e quebradiça, que tinha salpicado as minhas jeans num aeroporto em New Hampshire, antes disso. Nem a nódoa na manga da camisa enrugada e húmida que estou a usar, camisa essa que, ainda esta manhã, parecia nova e lavada. Nem o rasgão na gola do meu colete cinzento aos losangos, que agora me parece mais vagamente oriental do que antes, especialmente ao lado das jeans da Blair, justas e limpas, e da sua t-shirt azul-clara. Tudo isto parece irrelevante ao lado daquela frase. Parece-me ser mais fácil ouvir dizer que as pessoas têm medo de entrar numa autoestrada do que «Tenho a certeza absoluta de que a Muriel é anorética» ou ouvir alguém na rádio a gritar qualquer coisa sobre ondas magnéticas. Nada me parece ser mais importante do que aquelas onze palavras. Nem os ventos quentes que parecem impelir o carro pelo asfalto da autoestrada deserta, ou o leve cheiro a marijuana que ainda impregna o carro da Blair. Tudo isto se resume ao facto de eu ser um rapaz que regressa

a casa por um mês e que encontra alguém que não via há quatro meses e que as pessoas têm medo de entrar.

A Blair sai da autoestrada e pára num sinal vermelho. Uma rajada de vento faz o carro abanar, e a Blair sorri e diz qualquer coisa sobre provavelmente ser melhor subir a capota e muda a estação de rádio. Quase em minha casa, a Blair tem de parar o carro, uma vez que há cinco homens a trabalharem na estrada, removendo restos de palmeiras que caíram durante o vendaval e colocando as folhas e bocados de casca morta num grande camião vermelho, e sorri-me novamente. Pára junto à minha casa, e o portão está aberto, e eu saio do carro, surpreendido com o tempo quente e seco que se faz sentir. Fico ali durante um bom bocado, e a Blair, depois de me ajudar a tirar as malas do porta-bagagens, faz um grande sorriso e pergunta:

— O que é que tens?

E eu digo:

— Nada.

E a Blair diz:

— Estás pálido.

Encolho os ombros, e dizemos adeus, e a Blair entra no carro e vai-se embora.

Não está ninguém em casa. O ar condicionado está ligado, e a casa cheira a pinho. Há um recado na mesa da cozinha a dizer que a minha mãe e as minhas irmãs saíram, compras de Natal. De onde estou, vejo o cão deitado junto à piscina, a dormir profundamente, com o pelo emaranhado pelo vento. Subo as escadas, passo pela nova empregada, que me sorri, parecendo saber quem sou, passo pelos quartos das minhas irmãs, que, aparte os novos recortes da GQ na parede, parecem estar na mesma, e entro no meu quarto, onde nada mudou. As paredes continuam pintadas de branco; os discos estão no lugar; o televisor não mudou de sítio; as persianas continuam abertas, tal como as deixei. Parece que a minha mãe e a nova empregada, ou talvez a antiga empregada, esvaziaram o roupeiro durante

a minha ausência. Há uma pilha de livros de banda desenhada na minha secretária com um bilhete que diz: «Ainda queres estes?»; há também um recado a dizer que o Julian telefonou e um cartão que tem escrito: «Que se foda o Natal.» Abro-o e leio: «Vamos foder o Natal os dois», é um convite para a festa de Natal da Blair. Pouse o cartão e reparo que começa a ficar muito frio no meu quarto.

Descalço os sapatos e deito-me na cama e pouso a mão na testa para ver se tenho febre. Acho que sim. E, com a mão na testa, olho com cuidado o *poster* emoldurado que tenho pendurado por cima da cama, mas nem isso mudou. É um *poster* promocional de um disco antigo do Elvis Costello. O Elvis olha para além de mim, com o seu sorriso irónico e de esguelha nos lábios, fixando a janela. A palavra *Trust* paira sobre a sua cabeça, e os seus óculos de sol, com uma lente vermelha e outra azul, estão pendurados na ponta do nariz, deixando ver o olhar, ligeiramente desviado. No entanto, não está a olhar para mim. Olha para quem estiver junto à janela, mas estou demasiado cansado para me levantar e ir pôr-me à janela.

Pego no telefone e ligo para o Julian, surpreso por ainda me lembrar do número, mas ninguém atende. Encosto-me na cama e, através das persianas, vejo as palmeiras a abanarem violentamente, aliás, a dobrarem-se com os ventos quentes, e depois olho para o *poster* e depois desvio a cabeça e depois volto a olhar para os olhos e para o sorriso irónico, para os óculos vermelhos e azuis, mas continuo a ouvir dizer que as pessoas têm medo de entrar e tento passar por cima desta frase, apagá-la. Ligo a televisão na MTV e digo a mim próprio que seria capaz de passar por cima disso e adormecer se tivesse um *Valium* e depois penso na Muriel e começo a sentir-me um pouco enjoado à medida que os vídeos vão passando.

Nessa noite, levo o Daniel à festa da Blair, e o Daniel está a usar óculos escuros e um casaco de lã e jeans pretos. Está também com umas luvas pretas de cabedal porque se cortou gravemente num vidro, na semana anterior, ainda em New Hampshire. Fui com ele às urgências e assisti enquanto limpavam a ferida e lavavam o sangue e começavam a coser, até que comecei a sentir-me enjoado

e saí para me sentar na sala de espera às cinco da manhã e ouvi os Eagle cantarem a «New Kid in Town» e tive vontade de regressar. Estamos à porta da casa da Blair, em Beverly Hills, e o Daniel queixa-se de que as luvas estão muito apertadas e a colarem-se aos pontos, mas não as descalça porque não quer que as pessoas reparem nas costuras prateadas espetadas na pele do seu polegar e dedos. A Blair abre a porta.

— Olá, borracho! — exclama a Blair.

Está a usar um casaco de cabedal preto e calças a condizerem e está descalça e abraça-me e, em seguida, olha para o Daniel.

— E quem é este? — pergunta, sorrindo.

— É o Daniel. Daniel, esta é a Blair — respondo.

A Blair estende a mão, e o Daniel sorri e aperta-a suavemente.

— Entrem lá. Feliz Natal!

Há duas árvores de Natal, uma na sala e outra no escritório, e ambas têm luzes intermitentes vermelho-escuras a decorá-las. Há antigos colegas na festa, a maior parte dos quais não via desde o fim da secundária, e todos eles se reúnem em redor das duas grandes árvores. O Trent, um modelo que conheço, também lá está.

— Olá, Clay — diz o Trent, com um cachecol de xadrez vermelho e verde à volta do pescoço.

— Olá, Trent — respondo.

— Tudo bem, giraços?

— Tudo em ordem. Trent, este é o Daniel. Daniel, apresento-te o Trent.

O Trent estende a mão, e o Daniel sorri e ajusta os óculos escuros e aperta-a com cuidado.

— Daniel — diz o Trent —, em que universidade estás?

— Na mesma que o Clay — diz o Daniel. — E tu?

— UCLA. Ou como os orientais costumam dizer, UCRA.¹

¹ Referência ao modo como os emigrantes de países como o Japão ou China pronunciam o «L», aproximando-o foneticamente de um «R». [N. T].

Em tom de gozo, o Trent imita um japonês idoso, olhos em bico, cabeça curvada, dentes da frente para fora, e depois ri-se desalmadamente.

– Eu ando na *University of Spoiled Children* – diz a Blair a sorrir, passando a mão pelos longos cabelos loiros.

– Onde? – pergunta o Daniel.

– USC.² – diz ela.

– Ah! – diz ele. – Pois é.

A Blair e o Trent riem-se cada vez mais, e ela agarra-se-lhe ao braço para se equilibrar momentaneamente.

– Ou *Jew SC*. – acrescenta ela, quase sem fôlego.

– Ou *Jew CLA*.³ – diz o Trent, ainda a rir.

A Blair pára finalmente de se rir e passa por mim em direção à porta, dizendo-me para eu ir provar o ponche.

– Eu vou provar o ponche – diz o Daniel. – Queres?

– Não, obrigado.

O Trent olha para mim e diz:

– Estás pálido.

Reparo que sim, em comparação com o bronzeado do Trent e com o tom de pele das outras pessoas presentes na sala.

– Estive em New Hampshire durante quatro meses.

O Trent mete a mão no bolso.

– Toma – diz, passando-me um cartão.

– É a morada de um solário em Santa Mónica. Ouve, não se trata de luz artificial ou coisa do género, e não tens de esfregar o corpo com vitamina E. Trata-se de uma coisa chamada banho UVA, e o que eles fazem é tingir-te a pele.

A dada altura, deixo de prestar atenção ao Trent e reparo em três rapazes, amigos da Blair que não conheço, alunos da USC, todos bronzeados e loiros, e um deles está a cantar ao som da música que sai das colunas.

² University of South California. [N. T.]

³ Trocadilho fonético com o som da letra «U», na pronúncia inglesa, e a palavra *jew* (judeu). Simultaneamente, referência ao estereótipo norte-americano da família judaica rica. [N. T.]

— Resulta — diz o Trent.

— O que é que resulta? — pergunto distraidamente.

— Um banho UVA. Banho UVA. Olha para o cartão, meu.

— Ah, sim, é verdade. — Olho para o cartão. — Então, eles tingem-te a pele, é isso?

— É.

— Certo.

Silêncio.

— O que é que tens feito? — pergunta o Trent.

— Tenho andado a desfazer as malas — respondo. — E tu?

— Bem — diz ele com um sorriso de orgulho —, fui selecionado por uma agência de modelos, uma das boas — garante-me. — E adivinha lá quem vai aparecer não só na capa da *International Male*, daqui a dois meses, mas também vai ser o mês de junho no calendário dos alunos da UCLA?

— Quem? — pergunto.

— Eu, pá — diz o Trent.

— *International Male*?

— Sim. Não gosto da revista. O meu agente disse-lhes que não ia haver nada de nus, como *Speedos* e coisas do género. Eu não faço nus.

Acredito nele sem saber porquê e tento perceber se o Rip, o meu *dealer*, está na festa. Mas não o vejo e volto-me para o Trent. Pergunto:

— Sim? E que mais tens feito?

— Oh, tipo, o mesmo de sempre. Vou ao Nautilus, enfrasco-me, vou aos banhos UVA... Ei, não digas a ninguém que vou lá, OK?

— O quê?

— Disse que não contes a ninguém esta cena dos banhos UVA, combinado?

O Trent parece preocupado, quase receoso, e eu meto-lhe a mão no ombro e aperto-o um pouco para o tranquilizar:

— Não te preocupes.

— Bem — diz, olhando em volta da sala —, tenho de ir tratar de um assunto. Vemo-nos mais tarde. Almoçamos — diz ele a brincar, saindo da sala.

O Daniel volta com o ponche, que está muito vermelho e muito forte, e eu tusso um pouco quando dou o primeiro gole. De onde estou, vejo o pai da Blair, que é produtor de filmes, sentado no covil com um jovem ator que me parece ter sido meu colega de escola. O namorado do pai da Blair também está na festa. Chama-se Jared e é muito novo e loiro e bronzeado e tem olhos azuis e uns dentes incrivelmente brancos e alinhados e está a conversar com os três rapazes da USC. Também consigo ver a mãe da Blair, que está sentada junto ao bar a beber um *vodka gimlet*, as mãos tremem-lhe quando leva a bebida à boca. A Alana, uma amiga da Blair, chega ao covil, abraça-me, e eu apresento-a ao Daniel.

– Pareces-te mesmo com o David Bowie – diz a Alana, com uma enorme e óbvia pedrada de coca, ao Daniel. – És canhoto?

– Receio bem que não – responde o Daniel.

– A Alana gosta de homens canhotos – elucido o Daniel.

– E que se pareçam com o David Bowie – relembra-me ela.

– E que vivam na Colony – acrescento.

– Oh, Clay, és um monstro – diz ela com uma risadinha – O Clay é um verdadeiro monstro – diz ela ao Daniel.

– É verdade – concorda o Daniel. – Um monstro. Mesmo.

– Já provaste o ponche? Devias provar – digo-lhe.

– Meu querido – diz ela, dramática e pausadamente –, eu é que fiz o ponche.

Ri-se, vê o Jared, e pára bruscamente.

– Meu Deus, o pai da Blair não devia convidar o Jared para estas coisas. A mãe dela fica tão nervosa... Seja como for, ela fica sempre destruída, mas tê-lo por perto faz-lhe pior.

Volta-se para o Daniel e diz:

– A mãe da Blair sofre de agorafobia.

Olha de novo para o Jared e acrescenta:

– Quero dizer, ele vai filmar no Death Valley para a semana, não vejo porque é que não pode esperar até lá, não acham?

A Alana volta-se para o Daniel e depois para mim.

– Acho – diz o Daniel, com ar sério.

— Também eu — digo, abanando a cabeça.

A Alana baixa os olhos, volta a erguê-los na minha direção e diz:

— Estás um bocado pálido, Clay. Devias ir à praia ou qualquer coisa no género.

— Talvez vá.

Passo os dedos pelo cartão que o Trent me deu e pergunto se o Julian vai aparecer.

— Ele telefonou para minha casa e deixou um recado, mas não consigo falar com ele.

— Oh, meu Deus, espero bem que não — diz a Alana. — Ouvi dizer que ele está completamente queimado.

— Como assim? — pergunto.

De repente, os três rapazes da USC e o Jared riem alto, em uníssono. A Alana revira os olhos com uma expressão enjoada.

— O namorado do Jared, aquele que trabalha no Morton's, ensinou-lhe uma anedota estúpida qualquer: «Quais são as duas maiores mentiras do mundo? “Empresta-me dinheiro, que eu pago-te logo” e “Não me vou vir na tua boca”.» Nem sequer percebo onde está a piada. É melhor eu ir dar uma ajuda à Blair. A mamã está a passar para o outro lado do bar. Prazer em conhecer-te, Daniel.

— Igualmente — responde Daniel.

A Alana dirige-se à Blair e à mãe, que estão junto ao bar.

— Devia ter começado a cantar a «Let's Dance» — diz o Daniel.

— Também acho que sim.

Daniel sorri:

— Ó Clay, és, tipo, um verdadeiro monstro.

Saímos da festa logo depois de o Trent e um dos tipos da USC terem caído para cima da árvore de Natal da sala. Mais tarde, ambos estamos sentados num canto escuro do bar do Polo Lounge, pouco dizemos.

— Quero regressar — diz o Daniel em voz baixa e a custo.

— Para onde? — pergunto eu, sem ter a certeza de o ter percebido bem.

Faz-se um silêncio que começa a assustar-me, e o Daniel acaba a bebida, passa os dedos pelos óculos que ainda não tinha tirado e diz:

– Não sei. Apenas regressar.

Eu e a minha mãe estamos sentados num restaurante em Melrose, e ela bebe vinho branco e ainda não tirou os óculos de sol e passa as mãos constantemente pelo cabelo, e eu continuo a olhar para as minhas, com a certeza de que estão a tremer. Ela tenta sorrir quando me pergunta o que quero para o Natal. Fico surpreendido com o esforço que tenho de fazer para levantar a cabeça e olhar para ela.

– Nada – digo.

Faz-se um silêncio, e é a minha vez de lhe perguntar:

– E tu? Queres o quê?

Ela não diz nada durante muito tempo, e eu volto a olhar para as mãos, e ela bebe o vinho lentamente.

– Não sei. Só quero ter um bom Natal.

Mantenho-me calado.

– Pareces infeliz – diz ela subitamente.

– Não estou – digo eu.

– Pareces infeliz – diz ela, desta vez, com a voz mais baixa.

Volta a mexer no cabelo, descolorado, louro.

– Também tu – respondo, na esperança de que ela não diga mais nada.

Ela não diz mais nada até acabar de beber o seu terceiro copo de vinho e encher o quarto.

– Que tal foi a festa?

– Normal.

– Quantas pessoas lá estavam?

– Umas quarenta. Cinquenta – encolho os ombros.

Ela bebe mais um gole de vinho.

– A que horas saíste de lá?

– Não me lembro.

– À uma? Às duas?

– Deve ter sido à uma.

– Oh.

Ela cala-se novamente e bebe mais um gole.

– Não foi grande coisa – digo, olhando para ela.

– Porquê? – pergunta-me com curiosidade.

– Não sei – digo. E olho novamente para as mãos.

Estou sentado com o Trent numa carruagem-bar amarela na Sunset. O Trent está a fumar e a beber uma *Pepsi*, e eu olho pela janela para os faróis dos carros que passam. Estamos à espera do Julian, que deverá trazer um grama ao Trent. O Julian está quinze minutos atrasado, e o Trent está nervoso e impaciente, e quando lhe digo que devia fazer como eu e comprar ao Rip, em vez de ao Julian, limita-se a encolher os ombros. Acabamos por sair, e ele diz que talvez encontremos o Julian no salão de jogos em Westwood. Mas não vemos o Julian no salão de jogos em Westwood, e o Trent sugere que se vá ao *Fatburger* comer qualquer coisa. Diz que tem fome, que já não come há horas, e menciona qualquer coisa acerca de estar a fazer jejum. Pedimos e sentamo-nos numa das mesas. Mas não tenho muito apetite, e o Trent repara que o meu *Fatburger* não traz chili.

– A sério? Não podes comer um *Fatburger* sem chili!

Eu reviro os olhos e acendo um cigarro.

– Estás esquisito. Passaste demasiado tempo na merda de New Hampshire – diz entre dentes. – *Fatburger* sem chili, foda-se...

Não digo nada e reparo que as paredes estão pintadas de um amarelo muito vivo, quase doentio, e parecem brilhar sob o efeito das luzes fluorescentes. A *jukebox* está a tocar a «Crimson and Clover», da Joan Jett e dos Blackhearts. Olho para a parede e vou ouvindo a letra: *Crimson and clover, over and over and over and over...* De repente, fico com sede, mas não quero levantar-me e ir ao balcão pedir uma bebida por causa da japonesa gorda, de cara triste, que está a atender as pessoas e do segurança encostado a outra parede amarela, mais atrás, a observar toda a gente com um ar desconfiado, e o Trent continua a olhar para o meu *Fatburger* com ar de espanto, e há um tipo com uma camisa vermelha e cabelo comprido e oleoso,

que finge estar a tocar guitarra e a cantar, na mesa ao lado, e ele começa a abanar a cabeça, e a sua boca abre-se: *Crimson and clover, over and over and over... Crimson and clo-oh-ver...*

São duas da manhã, e está calor, e nós estamos sentados na sala do fundo do Edge, e o Trent está a pôr os meus óculos de sol, e digo-lhe que quero ir-me embora. O Trent responde que não tardamos a sair, talvez dentro de cinco minutos. A música na pista de dança parece estar demasiado alta, e fico tenso sempre que uma canção acaba e outra começa. Encosto-me à parede de tijolo e reparo que há dois tipos abraçados num canto escuro. O Trent apercebe-se de que estou tenso e diz:

— O que é que queres que eu faça? Queres um drunfo?

Ele tira uma caixinha de *Pez* do bolso e empurra a cabeça do Daffy Duck para trás. Não digo nada, limito-me a olhar para a caixinha, e ele volta a guardá-la e estica o pescoço.

— Aquela não é a Muriel?

— Não, aquela miúda é *black*.

— Oh... tens razão.

Silêncio.

— Não é uma rapariga.

Fico a pensar em como é que o Trent consegue confundir um puto preto, não anorético, com a Muriel, mas depois reparo que o puto está com um vestido. Olho para o Trent e digo-lhe novamente que tenho de me ir embora.

— É, temos todos de ir — diz ele. — Já disseste isso.

E então fico a olhar para os meus sapatos, e o Trent encontra qualquer coisa para dizer: — És demais!

Continuo a olhar para os sapatos, com vontade de lhe pedir que me deixe ver o que está dentro da caixinha.

O Trent diz:

— Merda! Vai procurar a Blair. Vá, vamos embora.

Não quero voltar à sala principal, mas descubro que tenho de a atravessar para sair. Vejo o Daniel, à conversa com uma miúda, linda e bronzeada, de t-shirt sem mangas dos Heaven e uma minissaia

branca e preta, e digo-lhe ao ouvido que vamos embora, e ele olha para mim de uma maneira esquisita e diz:

— Não me chateies.

Por fim, sacudo-lhe o braço e digo-lhe que está com uma grande piela, e ele responde-me achas mesmo. Dá um beijo na cara da rapariga e segue-nos em direção à porta, onde a Blair está a conversar com um tipo da USC.

— É para ir?

— É — digo, perguntando-me onde terá ela andado.

Sáímos para a noite quente, e a Blair pergunta:

— Que tal? Divertiram-se?

Ninguém responde, e ela baixa os olhos.

O Trent e o Daniel estão junto do *BMW* do Trent, que está a tirar o livro de apoio sobre o *As Lay Dying* do porta-luvas e a entregá-lo à Blair. Despedimo-nos e certificamo-nos de que o Daniel é capaz de se meter no carro. O Trent sugere que talvez fosse melhor um de nós levar o Daniel a casa, mas depois concorda que era muita complicação levá-lo e ter de ir buscá-lo no dia seguinte. Levo a Blair a casa, em Beverly Hills, e ela passa os dedos pelo livro de apoio, mas não diz nada a não ser quando tenta apagar o carimbo que lhe tinham posto na mão à entrada da discoteca e diz:

— Foda-se! Quem me dera que não me carimbassem a mão a preto. Nunca mais sai.

Depois menciona, por acaso, que, embora eu tenha estado ausente durante quatro meses, nunca telefonei. Peço-lhe desculpa e saio da Hollywood Boulevard, que está muito iluminada, e entro na Sunset e conduz até à rua dela e, em seguida, paro na entrada. Despedimo-nos, e ela nota que tenho estado agarrado ao volante com demasiada força e olha para os meus pulsos e diz:

— As tuas mãos estão vermelhas.

E sai do carro.

Estivemos a fazer compras em Beverly Hills durante a maior parte da manhã e início de tarde. A minha mãe, as minhas irmãs e eu.

A minha mãe passou, provavelmente, a maior parte do tempo na Nieman-Marcus, e as minhas irmãs foram ao Jerry Magnin com o cartão de crédito do nosso pai para comprarem qualquer coisa para ele e para mim e depois foram à MGA e à Camp Beverly Hills e à Preville para comprarem qualquer coisa para elas. Eu fiquei a maior parte do tempo sentado no bar da Boutique La Scala, entediado de morte, a fumar e a beber vinho tinto. Finalmente, a minha mãe chega no *Mercedes*, pára-o em frente ao La Scala e fica à minha espera. Levanto-me, deixo o dinheiro no balcão, entro no carro e encosto a cabeça no banco.

– Ela anda com um borrachão – diz uma das minhas irmãs.

– Onde é que ele anda a estudar? – pergunta a outra, interessada.

– Em Harvard.

– E em que ano?

– Primeiro. Um ano à frente dela.

– Ouvi dizer que a casa deles está à venda – diz a minha mãe.

– Gostava era de saber se ele está à venda – balbucia a minha irmã mais velha, de 15 anos, acho eu, e ambas riem no banco de trás.

Um camião com jogos de vídeo presos na parte de trás passa por nós, e as minhas irmãs ficam completamente frenéticas.

– Sigam aquele jogo! – ordena uma delas.

– Mãe, achas que, se eu pedir ao pai, ele me compra um *Galaga* no Natal? – pergunta a outra, passando uma escova pelo curto cabelo loiro. Acho que anda pelos 13.

– O que é um *Galaga*? – pergunta a minha mãe.

– É um jogo de vídeo – diz uma delas.

– Mas já tens o *Atari* – diz a minha mãe.

– O *Atari* é foleiro – responde ela, passando a escova à irmã, que também tem cabelo loiro.

– Não sei – diz a minha mãe, endireitando os óculos de sol e subindo a capota –, mas hoje vou jantar com ele.

– Estou cheia de esperança – diz com sarcasmo a minha irmã mais velha.

– Mas onde é que o púnhamos? – pergunta uma delas.

— Pôr o quê? — pergunta a minha mãe.

— O *Galaga*! O *Galaga*! — grita a minha irmã.

— No quarto do Clay — diz a minha mãe.

Abano a cabeça.

— Uma ova! Nem pensar nisso — berra uma delas. — O Clay não pode ficar com o *Galaga* no quarto. Ele fecha sempre a porta à chave.

— É verdade, Clay, isso chateia-me à brava — diz uma delas com certa irritação na voz.

— Porque é que fechas a porta à chave? — pergunta novamente não sei qual delas.

Continuo calado. Pondero a hipótese de pegar num dos sacos da MGA ou da Camp Beverly Hills ou numa caixa de sapatos da Privilege e atirá-los pela janela.

— Mãe, diz-lhe que me responda! Porque é que fechas a porta à chave, Clay?

Viro-me para trás.

— Porque vocês me roubaram um quarto de grama de cocaína da última vez que deixei a porta aberta. Só por isso.

As minhas irmãs não dizem mais nada. Na rádio, começa a tocar a «Teenage Enema Nurses in Bondage», de um grupo chamado Killer Pussy, e a minha mãe pergunta se temos de ouvir aquilo, e as minhas irmãs dizem-lhe que aumente o volume, e ninguém diz mais uma palavra até a canção acabar. Quando chegamos a casa, a minha irmã mais nova diz-me, finalmente, junto à piscina:

— Tretas! Eu consigo arranjar a minha própria coca.

O psiquiatra que me vê durante as quatro semanas de férias é novo e usa barba e conduz um *450 SL* e tem uma casa em Malibu. Costumo ficar no seu consultório, em Westwood, de persianas fechadas e óculos de sol a fumar cigarros, às vezes cigarros-de-cravo, só para o irritar, às vezes a chorar. Às vezes grito-lhe, e ele grita comigo. Conto-lhe que tenho fantasias sexuais bizarras, e o seu interesse aumenta consideravelmente. Começo a rir-me sem razão e depois sinto-me subitamente enjoado. Às vezes, minto-lhe. Ele conta-me

coisas acerca da amante e dos arranjos que estão a ser feitos na outra casa, em Tahoe, e eu fecho os olhos e acendo outro cigarro, cerrando os dentes. Às vezes, levanto-me e saio, simplesmente.

Estou sentado no Du-par's's, em Studio City, à espera da Blair, da Alana e da Kim. Tinham-me telefonado a pedir para ir com elas ao cinema, mas eu tinha tomado alguns *Valium* e adormeci ao princípio da tarde e não estava pronto a tempo de ir com elas ver o filme. Então combinámos encontrar-nos mais tarde, no Du-par's. Estou sentado junto a uma grande janela e peço um café à empregada, mas ela não me traz nada e já está a limpar a mesa ao lado e a atender uma outra. Mas não me incomoda que não tenha vindo nada, uma vez que as minhas mãos estão a tremer bastante. Acendo um cigarro e reparo nos enfeites de Natal em cima do balcão principal. Um Pai Natal de plástico, com luzes de néon, segura uma bengala de rebuçado quase com um metro de altura, e há várias caixas grandes, verdes e vermelhas, apoiadas a ele, e eu fico a pensar se terão alguma coisa lá dentro. A minha atenção fixa-se subitamente num tipo baixo, escuro, com ar intenso, que veste uma t-shirt dos Universal Studios e está sentado duas mesas à minha frente. Está a olhar para mim, e eu baixo os olhos e dou uma passa longa no cigarro. O homem continua a olhar para mim, e a única coisa que me ocorre é que ou ele não me vê ou eu não estou ali. Não percebo porque é que penso isso. As pessoas têm medo de entrar... *Será que ele está à venda?*

Subitamente, a Blair beija-me na cara e senta-se, juntamente com a Alana e a Kim. A Blair conta-me que a Muriel acaba de ser hospitalizada com anorexia.

— Desmaiou na aula de cinema. Então levaram-na para o Cedars-Sinai, que não é bem o hospital mais próximo da USC.

A Blair conta isto num fôlego, ao mesmo tempo que acende um cigarro. A Kim está de óculos de sol cor-de-rosa e também acende um cigarro, e, então, a Alana pede um.

— Vais à festa da Kim, não vais, Clay? — pergunta a Alana.

— É claro que vais, Clay. Não podes faltar — diz a Kim.

— Quando é? — pergunto, sabendo perfeitamente que a Kim dá essas festas uma vez por semana ou coisa que o valha.

— Mais para o fim da semana que vem — diz-me ela, embora eu saiba que isso, muito provavelmente, queira dizer amanhã.

— Não sei com quem ir — diz a Alana subitamente. — Oh, meu Deus! Não faço a mais pequena ideia de quem levar. Foda-se. — Faz uma pausa. — Só agora me apercebi disso.

— Então, e o Cliff? Não ias com o Cliff? — pergunta a Blair.

— Eu é que vou com o Cliff — diz a Kim, olhando para a Blair.

— Ah, é verdade — diz a Blair.

— Bem, se vais com o Cliff, nesse caso, vou com o Warren — diz a Alana.

— Mas eu pensava que andavas com o Warren — diz a Kim à Blair. Olho para a Blair.

— Sim, mas não *estava* com o Warren — diz a Blair, hesitando um pouco.

— Tu não andavas com ele. Vocês fodiam... mas não *andavas* com ele — diz a Alana.

— Não interessa — diz a Blair, folheando o menu e olhando para mim, desviando o olhar, em seguida.

— Foste para a cama com o Warren? — pergunta a Kim à Alana.

A Alana olha para a Blair e depois para a Kim e depois para mim e diz:

— Não, não fui.

Volta a olhar para a Blair e pergunta à Kim:

— E tu?

— Não, mas pensava que o Cliff andava a dormir com o Warren — diz a Kim, momentaneamente confusa.

— Isso até pode ser verdade, mas eu pensava que o Cliff andava a dormir com a Didi Hellman, aquela horrorosa do Valley armada em *punk* — diz a Blair.

— Ah, isso não é verdade! Quem é que te contou isso? — quer saber a Alana.

Aproveitando a pausa para férias da universidade, Clay regressa à sua Los Angeles natal, um mundo de privilégios sem limites e total rutura moral, na tentativa de redescobrir o que sentia pela sua namorada, Blair, e pelo seu melhor amigo, Julian. Os dias, porém, sucedem-se iguais, entre incontáveis festas em mansões exuberantes, bares duvidosos, discotecas, restaurantes de luxo e lojas, e Clay permanece no ponto onde começou: preso entre passado e futuro, esperança e vazio.

Primeiro romance de Bret Easton Ellis, *Menos Que Zero* é hoje um clássico de culto da literatura norte-americana do século xx. O retrato cru e implacável de uma geração perdida e reclusa no mundo de ostentação, passividade e niilismo da Los Angeles classista da década de 80, que encontrou refúgio no sexo, nas drogas e na dormência de sentimentos.

«Nunca a versão hollywoodesca de sucesso se mostrou tão assustadora numa porção de literatura contemporânea.»

Newsweek

«Se este livro for uma sátira existencial, a sua premissa é a de que o mundo é o inferno disfarçado de paraíso.»

The Guardian

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-668-626-0  9 789896 686260 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	